

Educomunicação: mapeamento da produção científica no Intercom Sul¹

Daniéli ANTONELLO²

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, RS

RESUMO

A proposta deste artigo é apresentar um mapeamento da produção científica no Intercom Sul no período de 2010 a 2015 sobre a Educomunicação. Para isso, foi realizado um mapeamento bibliométrico de 56 *papers* disponíveis nos anais do evento científico e no recorte temporal supracitados. Deles foram investigados a origem destas produções, as áreas de intervenção, tipo de autoria, formação dos pesquisadores, palavras-chave, principais metodologias utilizadas e os 10 autores mais citados. Os dados levantados mostram terreno fértil no estado do Rio Grande do Sul para se pensar a Educomunicação como eixo transversal ao currículo escolar, visto que o novo campo já está consolidado enquanto prática na região Sul, o que reflete positivamente no grande número de trabalhos apresentados no congresso científico abordado neste artigo.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; educação; educomunicação; bibliometria; região sul.

INTROUÇÃO

A deflagração da existência de um novo campo científico, intitulado Educomunicação, ocorre graças ao trabalho de investigação científica coordenado pelo Professor Dr. Ismar de Oliveira Soares e realizado no Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (NCE/ECA/USP), entre os anos de 1997 e 1999.

Porém, é pertinente ressaltar que a base para a respectiva pesquisa e para a própria consolidação deste novo campo nasceu nos movimentos sociais, através dos espaços informais de aprendizagem, e chegou à academia como um processo resultante dessa inter-relação entre comunicação e educação, conforme descreve Messias (2011, p. 2):

É da academia que saem as reflexões cuja base aponta para algo além, ou a mais, nesta inter-relação entre os dois campos, da comunicação e da educação. Quando colocadas em comum, as práticas comunicativas e educativas teriam suficiência para configurar uma práxis autônoma. A emancipação

¹ Trabalho apresentado na DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

² Docente do curso de Jornalismo da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí. E-mail: daniantonello@hotmail.com.

deste tipo específico de ação não estaria fundamentada nos princípios da pedagogia, nem poderia ser explicada pela comunicação social. Identificar os elementos que constituem esta autonomia poderia levar à inevitável deflagração de existência de um novo campo científico.

E, de nossa parte, realmente levou a essa deflagração. Neste contexto, recorremos a Bourdieu (2004, p. 26), que compreende o conceito de campo como um “[...] um lugar de constituição de uma forma específica de capital” e que pode ser econômico, cultural, social ou, como no caso específico deste artigo, simbólico³.

A denominação deste novo campo emergente intitulado como Educomunicação parte da Universidade de São Paulo (USP), mas de acordo com Soares (2012), a palavra Educomunicação já tem história, visto que foi utilizada por gestores culturais da UNESCO e, também, por Mario Kaplún, em 1980, para designar a prática que é conhecida na Europa como *Media Education*⁴ (educação para a recepção crítica dos meios de comunicação).

Na América Latina, o interesse pela temática surge de acordo com o autor (2011, p. 34) numa tentativa de entender “a relação que os receptores estabeleciam com os meios de comunicação, [...] o modo como as audiências reagiam e se articulavam ao receber e ressignificar os conteúdos midiáticos”, no contexto dos movimentos denominados “educação popular” ou “comunicação alternativa”.

Já no Brasil, na década de 1990, as práticas realizadas por algumas universidades e Organizações Não Governamentais (ONGs), que abordavam metodologias de atividades de educação à mídia, foram às primeiras aproximações relacionando a comunicação à educação. Soares (2011, p. 34) recorda que “algumas dessas organizações passaram a entender que o exercício de “produzir comunicação” de forma democrática e participativa, por parte das crianças e jovens, representaria um diferencial em relação às experiências internacionais”, visto que eram voltadas exclusivamente para práticas de leitura da mídia.

³ Entendemos que o capital simbólico está diretamente ligado ao reconhecimento, à autoridade e à legitimidade que os agentes (pesquisadores) ou as instituições gozam perante a sociedade. Nas palavras de Bourdieu (2004, p. 26), “o capital científico é uma espécie do capital simbólico (o qual se sabe, é sempre fundado sobre atos de conhecimento e reconhecimento) que consiste no reconhecimento (ou no crédito) atribuído pelo conjunto de pares-concorrentes no interior do campo científico”.

⁴ De acordo com Soares (2011b), *Media Education* é a expressão utilizada na Europa e significa educação para a recepção crítica dos meios de comunicação. Já nos Estados Unidos a prática é conhecida como *Media Literacy* e na Espanha como *Educación em Medios*.

Com entendimento semelhante, Schaun (2002, p. 82) acredita que o campo da Educomunicação:

Caracteriza-se pelas atividades de intervenção política e social fundamentada na experiência e na formação crítica dos processos históricos, sempre voltadas para uma perspectiva de leitura crítica dos meios de comunicação, atuando no âmbito do ensino formal (cursos fundamental, médio, superior, formação de professores para o exercício de uma Pedagogia da Comunicação) e não-formal (organizações e instituições da sociedade civil), nas empresas, nos meios de comunicação (grandes meios, emissoras educativas e comunitárias de rádio e televisão), nos movimentos populares, nas organizações não-governamentais. Eles atuam junto a públicos diversos e específicos, de todas as faixas etárias e grupos sociais minoritários e/ou socialmente excluídos ou estigmatizados.

É oportuno esclarecer que a relação, ou seja, a natureza relacional é o elemento constitutivo do novo campo da Educomunicação. Ela é vista como um espaço de questionamentos, de busca de conhecimentos e da construção do saber. Por isso vai muito além da interface comunicação/educação. Destaca-se, de modo significativo, um terceiro termo, a ação (Soares, 2006). Essa ação é fruto das relações de construção e das formas de conhecimento do saber. É através da ação que o indivíduo cresce e torna-se sujeito de si mesmo, capaz de novas leituras e interpretações das mensagens midiáticas e de novas atitudes como sujeito participativo. Afinal, não se forma cidadão sem ação participativa. E assim, a ação em Educomunicação torna-se um dos resultados mais desejados de todo processo.

Para atingi-lo, a Educomunicação “estrutura-se de um modo processual, midiático, transdisciplinar e interdiscursivo, sendo vivenciada na prática dos atores sociais, através de áreas concretas de intervenção social”, (SOARES, 2000, p. 22), conhecidas como as portas de ingresso ao universo das práticas educacionais. Sendo assim, o diálogo, além da ação, é outra característica da Educomunicação. Sem diálogo não há ação dos envolvidos e, como decorrência, não há intervenção na realidade, como defende Freire (1977, p. 43) ao afirmar que ser dialógico “é não invadir. É não manipular [...]. Ser dialógico é empenhar-se na transformação da realidade”.

Conforme já exposto, a Educomunicação é apresentada como um campo de intervenção social que, de acordo com Soares (2014, p. 138), pode ser definida a partir de subáreas ou das chamadas áreas de intervenção social:

1ª. Área da Gestão da Comunicação nos Espaços Educativos (compreendendo a articulação do trabalho dos agentes no planejamento, execução e avaliação das ações das diferentes áreas); 2ª. Área da Educação para a Comunicação (reunindo as práticas voltadas à sensibilização e formação das audiências para a convivência com os meios de comunicação – *media education, educaci6nen m6dios*, educaç6o midi6tica); 3ª. Área da Mediaç6o Tecnol6gica nas Pr6ticas Educativas (com pr6ticas relacionadas ao entendimento da natureza civilizat6ria da sociedade da informaç6o e do emprego de suas tecnologias a partir da l6gica educ comunicativa); 4ª. Área da Express6o Comunicativa pelas Artes (pr6ticas que valorizam a autonomia comunicativa das crianç as e jovens mediante a express6o art6stica – arte-educaç6o); 5ª. Área da Produç6o Midi6tica (aç6es, programas e produtos da m6dia elaborados a partir do par6metro educ comunicativo); 6ª. Área da Pedagogia da Comunicaç6o (aç6es e programas de educaç6o formal ou n6o formal a partir do par6metro educ comunicativo) e 7ª. Área da Reflex6o Epistemol6gica sobre o novo campo (sistematizaç6es e pesquisas acad6micas sobre os objetos da Educomunicaç6o).

Dentre as áreas de intervenç6o social descritas acima, esse artigo situa-se na área da Reflex6o Epistemol6gica, devido ao esforç o de repensar o campo de atuaç6o a partir dos *papers* desenvolvidos pelos pr6prios pesquisadores. Para Citelli (2014), a Educomunicaç6o j6 est6 consolidada enquanto pr6tica, afirmaç6o que se reflete positivamente no grande n6mero de trabalhos e relatos de experi6ncias apresentados em congressos cient6ficos. Ainda segundo o autor, o desafio 6 densificar teoricamente o campo.

Dessa forma, na pr6tica, as atividades e/ou projetos educ comunicativos devem contemplar alguma das áreas de intervenç6o descritas acima. 6 importante destacar que as áreas s6o complementares, isto 6, n6o excludentes umas com as outras. Como percebemos na classificaç6o dos *papers* deste artigo, 6 poss6vel encontrar trabalhos que contemplam duas ou mais áreas em um mesmo projeto, tamanha a imbricaç6o entre elas. Tendo em vista que essa separaç6o n6o 6 pura e que os limites entre as áreas n6o s6o r6gidas, constata-se outra caracter6stica do campo: a interdisciplinaridade, que pode ser traduzida como um processo de integraç6o rec6proca entre as áreas e os campos do conhecimento, e que, neste artigo, envolve mais especificamente os campos da Comunicaç6o e da Educaç6o.

A PRODUÇ6O CIENT6FICA SOBRE EDUCOMUNICAÇ6O NO INTERCOM SUL

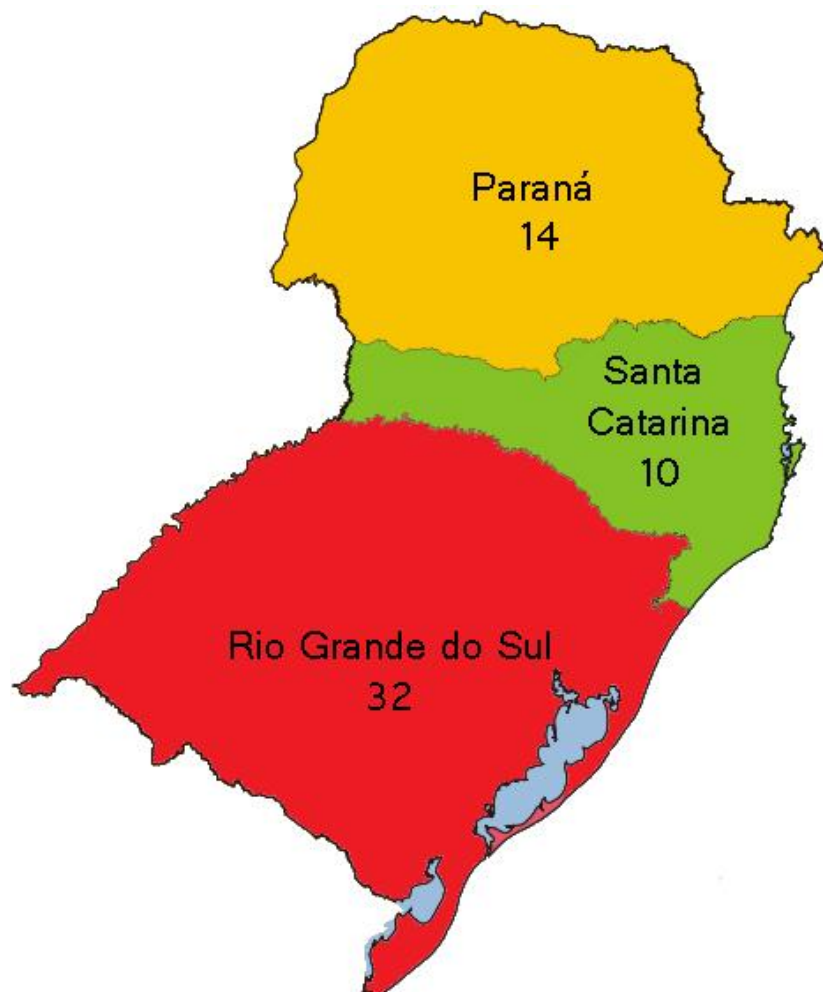
A produç6o do conhecimento gerada atrav6s de pesquisas cient6ficas torna-se cada vez mais necess6ria para comprovar, fortalecer e legitimar as áreas do conhecimento. No recorte deste artigo e, que veremos a seguir, 6 poss6vel antecipar que

a produção científica sobre Educomunicação abrange essas três categorias e destaca-se de forma crescente e contínua ao longo das edições do Congresso Intercom Sul.

É importante ressaltar que para este estudo foram selecionados 56 *papers* a partir das palavras-chave: Comunicação, Educação, Mídia-Educação e Educomunicação em todos os trabalhos do Intercom Sul no período de 2010 a 2015, independente se foram submetidos em Divisões Temáticas (DTs), Intercom Júnior (IJ) ou Expocom. Essa escolha justifica-se pelo entendimento de que não poderíamos nos limitar a uma categoria do evento, pois correríamos o risco de excluirmos importantes trabalhos que foram submetidos e aceitos em outra divisão.

Para iniciar a análise realizamos um panorama geográfico dos 56 *papers* selecionados no Intercom Sul, no período escolhido para a pesquisa, com o objetivo de evidenciar de quais estados da região sul eles são originários.

Figura 1. *Distribuição geográfica dos trabalhos selecionados no Intercom Sul no período de 2010 a 2015*



A produção científica de maior volume sobre Educomunicação no Intercom Sul encontra-se no estado do Rio Grande do Sul, que concentra 32 trabalhos, representando 57% do total da amostra. Em seguida, desponta o estado do Paraná, com 25% e, finalmente, Santa Catarina, com 18% da produção científica. Esses dados revelam que o estado gaúcho possui mais do que o dobro da produção acadêmica sobre Educomunicação, quando comparado aos outros dois estados sulistas.

Ainda sobre esse assunto é pertinente descrever que o estado catarinense foi o que mais sediou, no período de recorte da pesquisa, o Intercom Sul. Primeiro pela Unochapecó, em 2012, depois pela Unisul, em 2014 e, por último, pela Univille, em 2015.

O estado gaúcho, por sua vez, sediou por duas edições o evento regional. Em 2010 foi realizado pela Universidade Feevale e, em 2013, pela Unisc.

Já o estado paranaense foi sede do Intercom Sul através da Universidade Estadual de Londrina, no ano de 2011.

Tabela 1. *Instituições de Ensino Superior (IES) com trabalhos sobre a interface Comunicação/Educação no Intercom Sul no período de 2010 a 2015*

Estado	Sigla da Instituição	Total
RS	UFSM	13
RS	UNIJUÍ	10
RS	FEEVALE	2
RS	UFPEL	1
RS	UCPEL	1
RS	UCS	1
RS	UFRGS/UNISINOS	1
RS	UNIFRA	1
RS	UNISC	1
RS	UNIPAMPA	1
SC	FURB	4
SC	UNOCHAPECÓ	3
SC	UNC	1

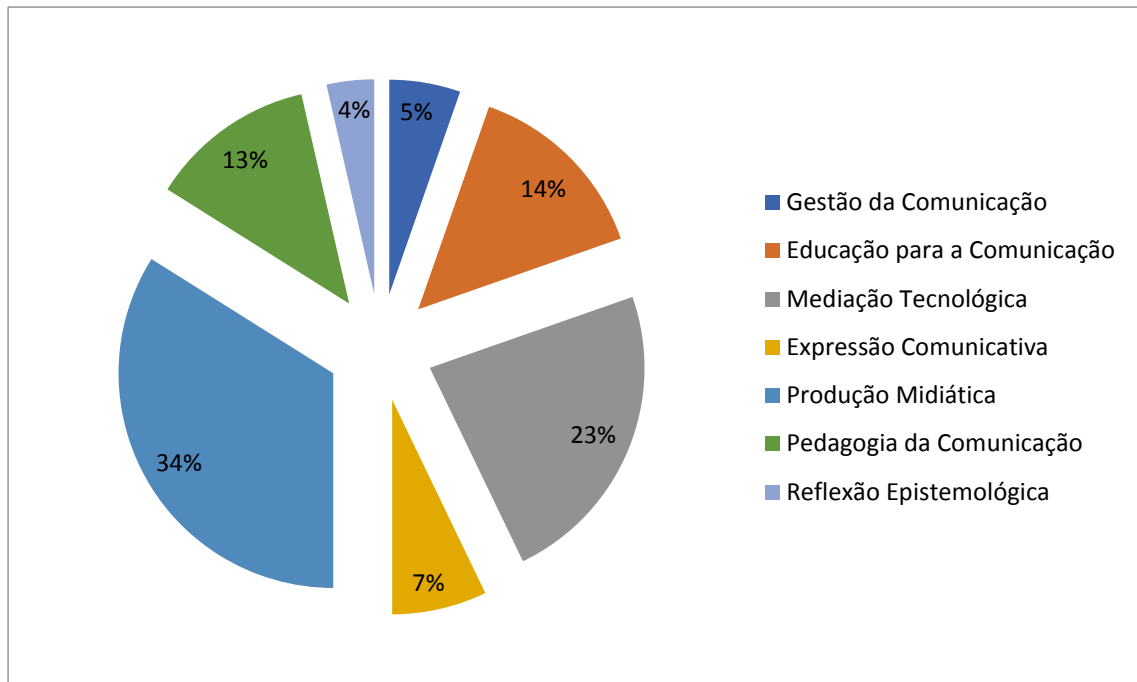
SC	UNIVALI	1
SC	UFSC	1
PR	FM	4
PR	UFPR	3
PR	UEL	3
PR	UEM	1
PR	UEPG	1
PR	UNP	1
PR	UP	1
	Total	56

Após o acesso a todos os resumos dos 56 *papers*, foi possível classificá-los segundo as áreas de intervenção social, definidas por Soares (2014)⁵.

É importante lembrar que a classificação foi feita a partir dos resumos e que foi considerada a área de intervenção de maior ênfase no trabalho. É pertinente descrever que, por vezes, não conseguimos identificar em alguns resumos a área de intervenção, o que nos levou a ler todo o trabalho selecionado.

⁵ Descritas e explicadas na página 4 deste artigo.

Figura 2. Classificação dos trabalhos do Intercom Sul no período de 2010 a 2015 nas sete áreas de intervenção

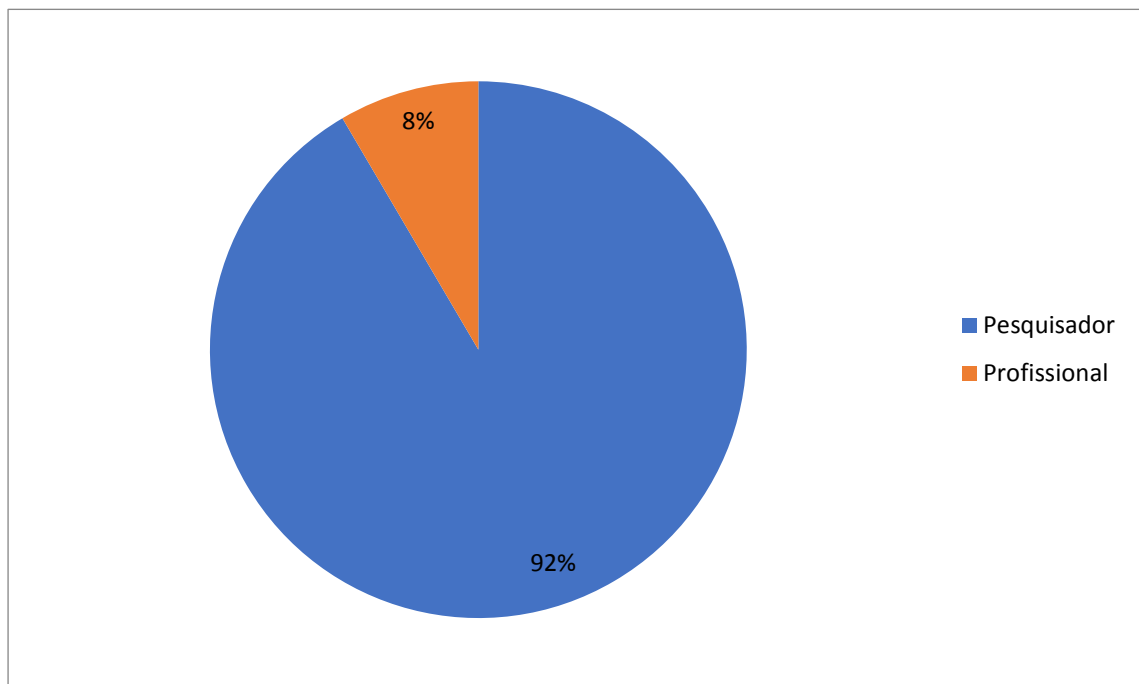


Primeiramente, destacamos o índice da área da Produção Midiática, que representa 34% dos trabalhos selecionados para este artigo. Em seguida, a área da Mediação Tecnológica nas Práticas Educativas, com 23%. Por outro lado, vale a pena mencionar o pouco interesse dos pesquisadores do Intercom Sul referente à área da Reflexão Epistemológica, que concentra apenas 4% da produção acadêmica selecionada para esta dissertação. Citelli (2015) acredita que essa disparidade entre as áreas práticas e teóricas é resultado da própria formação dos pesquisadores, que em sua maioria advém do campo das Ciências da Comunicação e estão interessados mais em práticas sociais do que em suas reflexões. Podemos confirmar essa hipótese na *Figura 4* desta análise, onde constatamos que 82% dos pesquisadores do Intercom Sul são oriundos do campo das Ciências da Comunicação, 13% da Educação, e 5% das demais áreas do conhecimento.

Sobre o vínculo dos pesquisadores, os 56 *papers* do Intercom Sul contam com 142 autores. Deste total, 20% dos *papers* possuem autoria única (um autor). Os demais contam com autoria múltipla, sendo que 41% apresenta 2 autores, 23% encontra-se com 3 autores, e 16% comportam 4 autores ou mais.

Ainda nesta lógica, realizamos o levantamento do tipo de autoria, com o intuito de verificar se o autor é profissional ou pesquisador. Conforme exposto na *Figura 3*, a seguir, 130 são pesquisadores, o que equivale a 92% das autorias, e 12 são profissionais, representando 8% da amostra.

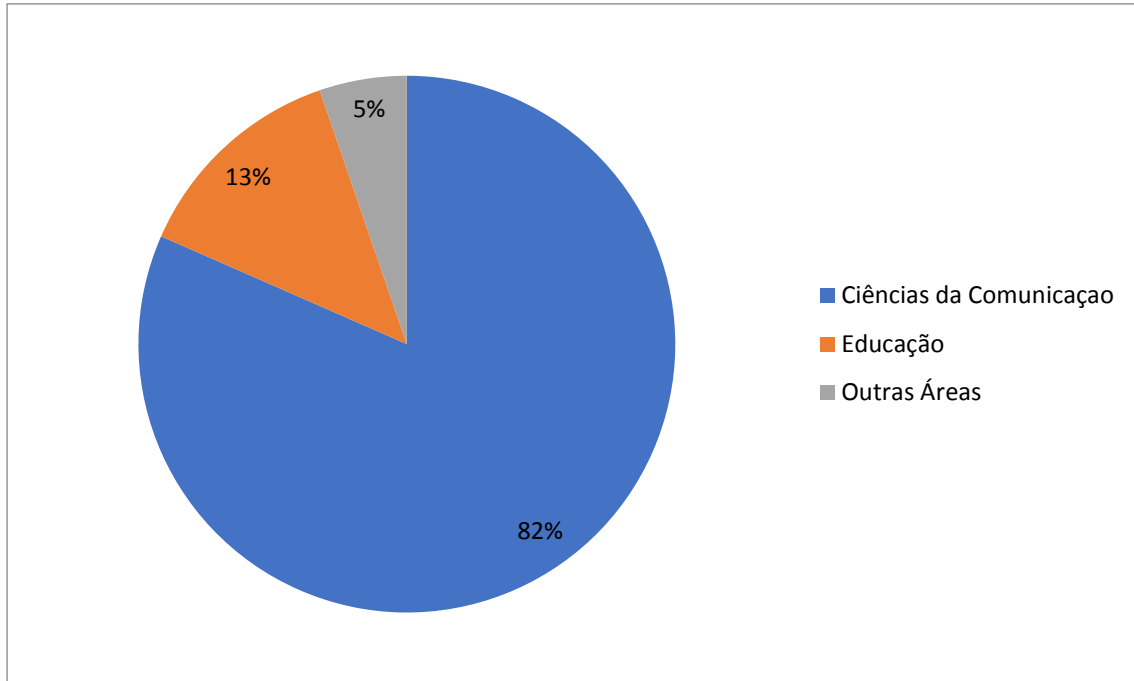
Figura 3. *Tipo de autoria (profissional ou pesquisador) no Intercom Sul no período de 2010 a 2015*



Ainda sobre a origem destes pesquisadores, identificamos aqueles que são procedentes do campo das Ciências da Comunicação, da Educação ou demais áreas do conhecimento.

A amostra indica a centralização de pesquisadores procedentes do campo das Ciências da Comunicação, que correspondem a 82%. Entendemos que esse número expressivo está relacionado à origem da interface comunicação/educação, base para a consolidação do próprio campo da Educomunicação que nasce através de práticas dos movimentos sociais em espaços informais e, em seguida, ganha a atenção do NCE/ECA/USP, órgão criado em 1996 por professores, em sua maioria, oriundos do campo das Ciências da Comunicação.

Figura 4. *Formação de origem dos pesquisadores do Intercom Sul no período de 2010 a 2015*



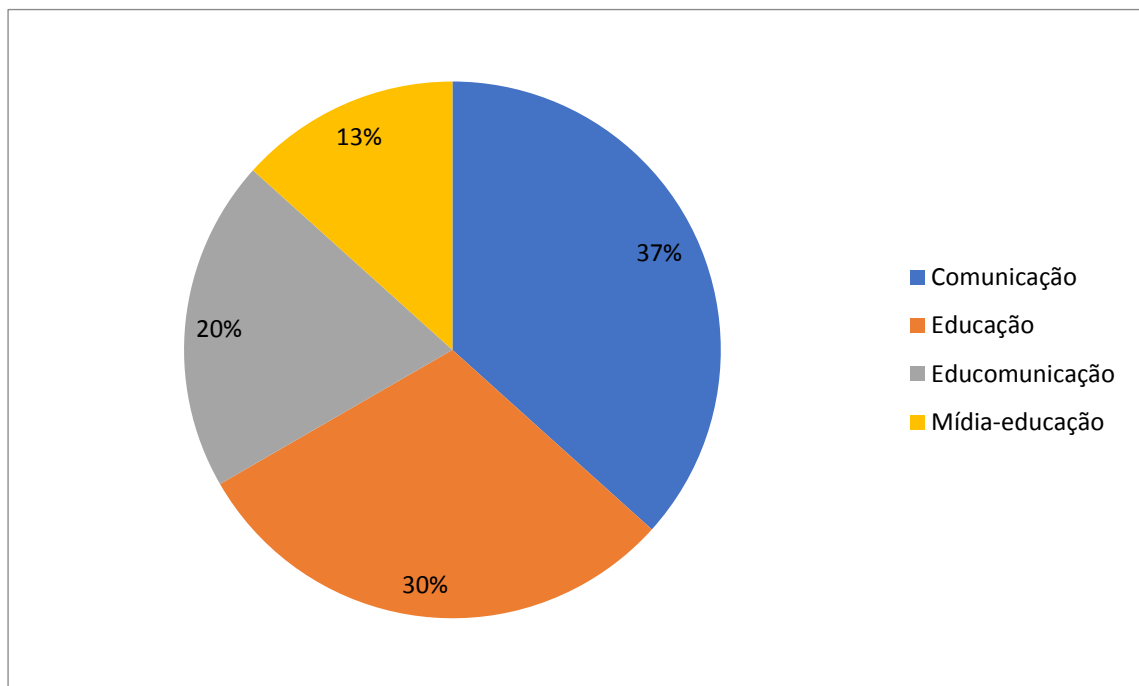
Outro fato relevante é, como sabemos, que o campo da Educação, identificado como a formação de origem de 13% dos pesquisadores do Intercom Sul, passou anos relutando sobre o ingresso de suportes tecnológicos na escola e em suas próprias metodologias de ensino. Não por ignorância, mas por receio em decorrência de toda a sedução que os meios causam. Assim, principalmente os professores mais tradicionais precisaram (re)pensar o modelo tradicional de educação, sem diálogo e conteudista, onde o professor é visto como o emissor; o conteúdo, a sua mensagem, e o aluno, como o receptor, numa forma de relação definida por Paulo Freire (1987, p. 57) como narradora ou dissertadora. “Narração ou dissertação que implica um sujeito – o narrador – e objetos pacientes, ouvintes – os educandos”, para a construção de uma educação dialógica, participativa e, conseqüentemente, midiática.

Cabe-nos aqui relembrar o papel do educador que, para Soares (2016), busca, tanto no ambiente formal quanto no informal, “maneiras de ir convertendo as comunicações bancárias em comunicações dialógicas”.

Por último, destacamos as outras áreas do conhecimento, a exemplo da Sociologia e da História, que são a formação de origem de 5% dos pesquisadores do Intercom Sul.

Sobre as palavras-chave utilizadas pelos autores dos *papers* do Intercom Sul, foram encontradas 50 classificações diferentes. As mais recorrentes foram: Comunicação, com 37% das aparições, Educação, com 30%, Educomunicação, com 20%, e, finalmente, Mídia-Educação, com 13%.

Figura 5. *Palavras-chave mais utilizadas pelos pesquisadores do Intercom Sul no período de 2010 a 2015*



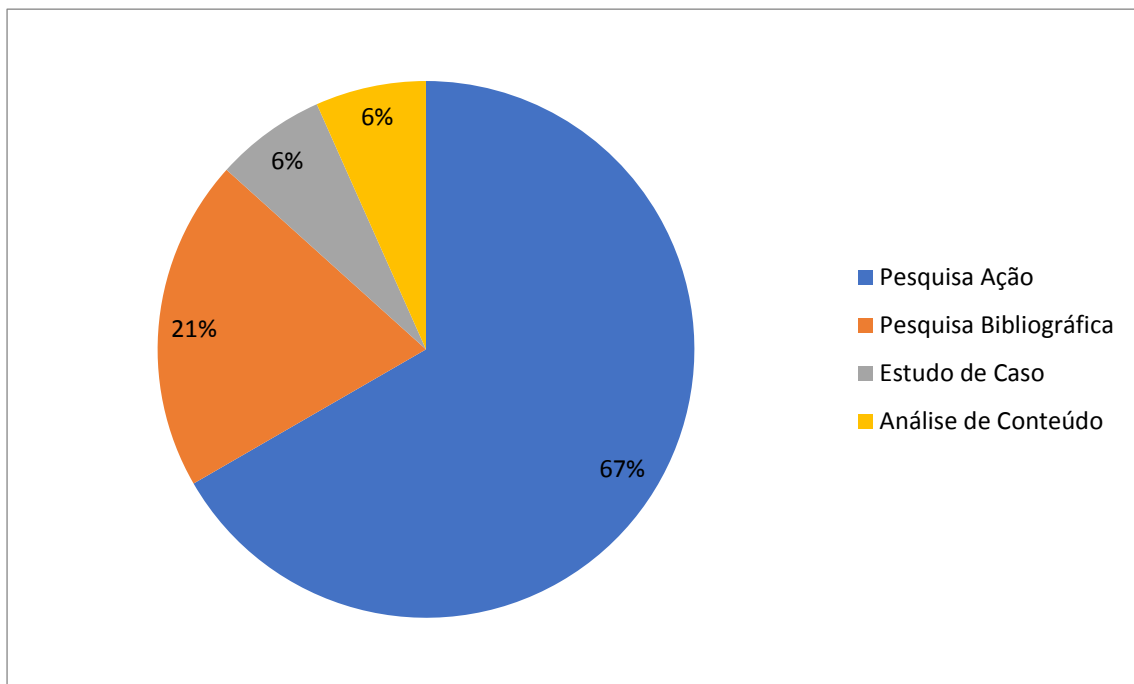
A variedade de palavras-chave encontradas nesta classificação sinaliza a dificuldade por parte dos pesquisadores do Intercom Sul em identificarem seus trabalhos. Se de um lado, comprova a sua natureza interdisciplinar, justamente por estar presente em várias DTs, IJ ou Expocom, de outro lado, sinaliza a falta de padronização da produção científica, visto que muitos trabalhos educacionais não foram selecionados para este artigo por não constarem nas palavras-chave os termos escolhidos: Comunicação, Educação, Educomunicação, Mídia-Educação.

Esse problema parece ser comum nos trabalhos da área, visto que a análise feita por Pinheiro (2013), em sua tese de doutorado, com relação a 97 teses e dissertações disponíveis no banco de teses da Capes, sobre o termo Educomunicação, também constatou essa dificuldade. “É importante questionar [...] sobre o significado da falta de padronização dos termos ou a dispersão de termos, que pode indicar tanto a falta de

consenso sobre a sua utilização ou mesmo a falta de importância a essa categorização” (PINHEIRO, 2013, p. 94).

Seguindo nesta lógica, identificamos qual a metodologia utilizada pelos pesquisadores no desenvolvimento de suas produções científicas.

Figura 6. Principais metodologias utilizadas pelos pesquisadores do Intercom Sul no período de 2010 a 2015



A pesquisa-ação é o caminho de preferência da grande maioria dos trabalhos, com 67%. Essa escolha justifica-se pela possibilidade que os pesquisadores têm de participarem dos projetos e das práticas educacionais, permitindo-lhes intervir dentro de uma problemática social.

A definição da pesquisa-ação para Thiollent (2005, p. 16) é a seguinte:

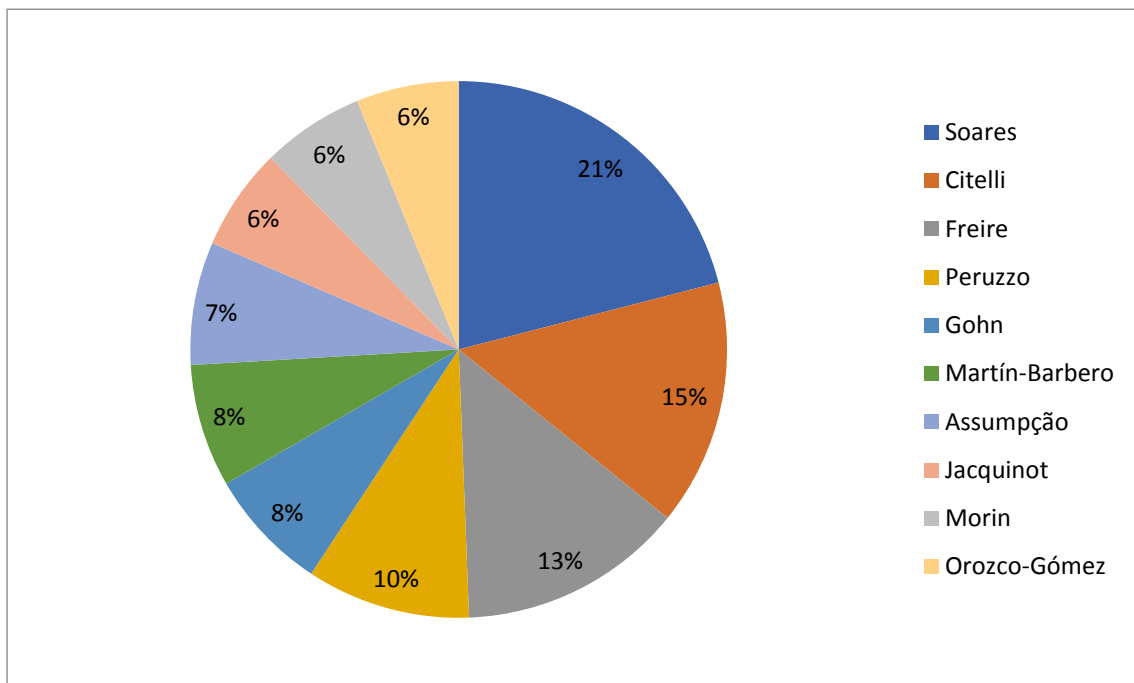
[...] a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

A pesquisa bibliográfica corresponde a 21% da preferência dos pesquisadores como metodologia empregada nos trabalhos. Já o estudo de caso e análise de conteúdo

representam, cada um, 6% da produção acadêmica do Intercom Sul, no período de 2010 a 2015.

Para finalizar, realizamos a análise sobre as referências (citações) desses mesmos *papers*. O total de materiais consultados pelos pesquisadores nos 56 *papers* foi de 665 referências, entre livros, capítulos de livros e artigos. Interessa-nos aqui conhecer os 10 autores mais citados pelos pesquisadores do Intercom Sul. Vejamos abaixo:

Figura 7. Os 10 autores mais citados no Intercom Sul no período de 2010 a 2015



A análise demonstra que Soares é o autor mais citado pelos pesquisadores do Intercom Sul, no período de 2010 a 2015, com 21% das referências. Seguido por Citelli, com 15% das citações, Freire, com 13%, e Peruzzo, com 10%. Já Gohn e Martín-Barbero aparecem com 8% cada, ao passo que Assumpção surge com 7%. Autores como Jacquinot, Morin e Orozco-Gómez possuem 6% das referências individualmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise bibliométrica dos 56 *papers* do Intercom Sul, no período entre 2010 e 2015, nos possibilitou um olhar crítico para Educomunicação. Os dados demonstram que a região Sul está em processo de expansão e consolidação em relação ao novo campo. Também é possível afirmar que a criação de novos eventos na região sul, principalmente no período de recorte deste artigo, como é o caso do Educom Sul e Educom Floripa favorece a ampliação e consolidação do campo, isso porque juntamente com o Intercom Sul, a Educomunicação passa a ganhar mais visibilidade e, conseqüentemente, o conhecimento de pesquisadores e também de profissionais que se interessam e participam de eventos com o intuito de conhecer o que propõe o novo campo.

Dessa forma, reiteramos aqui a Educomunicação como campo de conhecimento, distinta dos já tradicionais Comunicação e Educação. Obviamente, absorve-se muito deles, visto que o novo campo surge dessa inter-relação entre os tradicionais. Porém, o elemento constitutivo da Educomunicação é o diálogo, entendido por nós, como porta de entrada para o novo, para a participação e transformação social, através das áreas de intervenção social. É a partir do diálogo que é possível a abertura para a criatividade e a criticidade que nos levam a formação do sujeito, respeitando-o integralmente, numa perspectiva cidadã e construtivista. Só assim, a nosso ver, poderemos objetivar a ação do processo educacional, preocupado com a qualidade dos relacionamentos e com a efetiva participação transformadora dos sujeitos participantes.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Unesp, 2004.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1977.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- MESSIAS, Claudio. **Duas décadas de educomunicação**: da crítica ao espetáculo. Dissertação de Mestrado. São Paulo: ECA/USP, 2011. Disponível em:

<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-24032012-102952/>. Acesso em: 29 abr. 2019.

PINHEIRO, Rose Mara. **A educomunicação nos centros de pesquisa do país: um mapeamento da produção acadêmica com ênfase à contribuição da ECA/USP na construção do campo**. 2013. Tese (Doutorado em Interfaces Sociais da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo: 2013. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-27022014-111812/>. Acesso em: 18 fev. 2019.

SCHAUN, Angela. **Educomunicação: reflexões e princípios**. São Paulo: Mauad, 2002.

SOARES, Ismar. “Construção de roteiros de pesquisa a partir dos livros da coleção Educomunicação”. (Editora Paulinas). **Comunicação & Educação**, Brasil, v. 19, n. 2, p. 135-142, sep. 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/81225/87487>. Acesso em: 19 abr. 2019.

_____. **Educomunicação: as múltiplas tradições de um campo emergente de intervenção social, na Europa, Estados Unidos e América Latina**. São Paulo: UNESCO, 2012. Disponível em: <https://docs.google.com/a/cenpec.org.br/file/d/0B7lubHg1MuZVNjFvYzg4NGdqQmc/edit?pli=1>. Acesso em: 04 abr. 2019.

_____. **Educomunicação, o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. **Educomunicação: um campo de mediações**. **Comunicação & Educação**. São Paulo: ECA/USP, Editora Segmento, Ano VII, set/dez. 2000, nº 19.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2005.